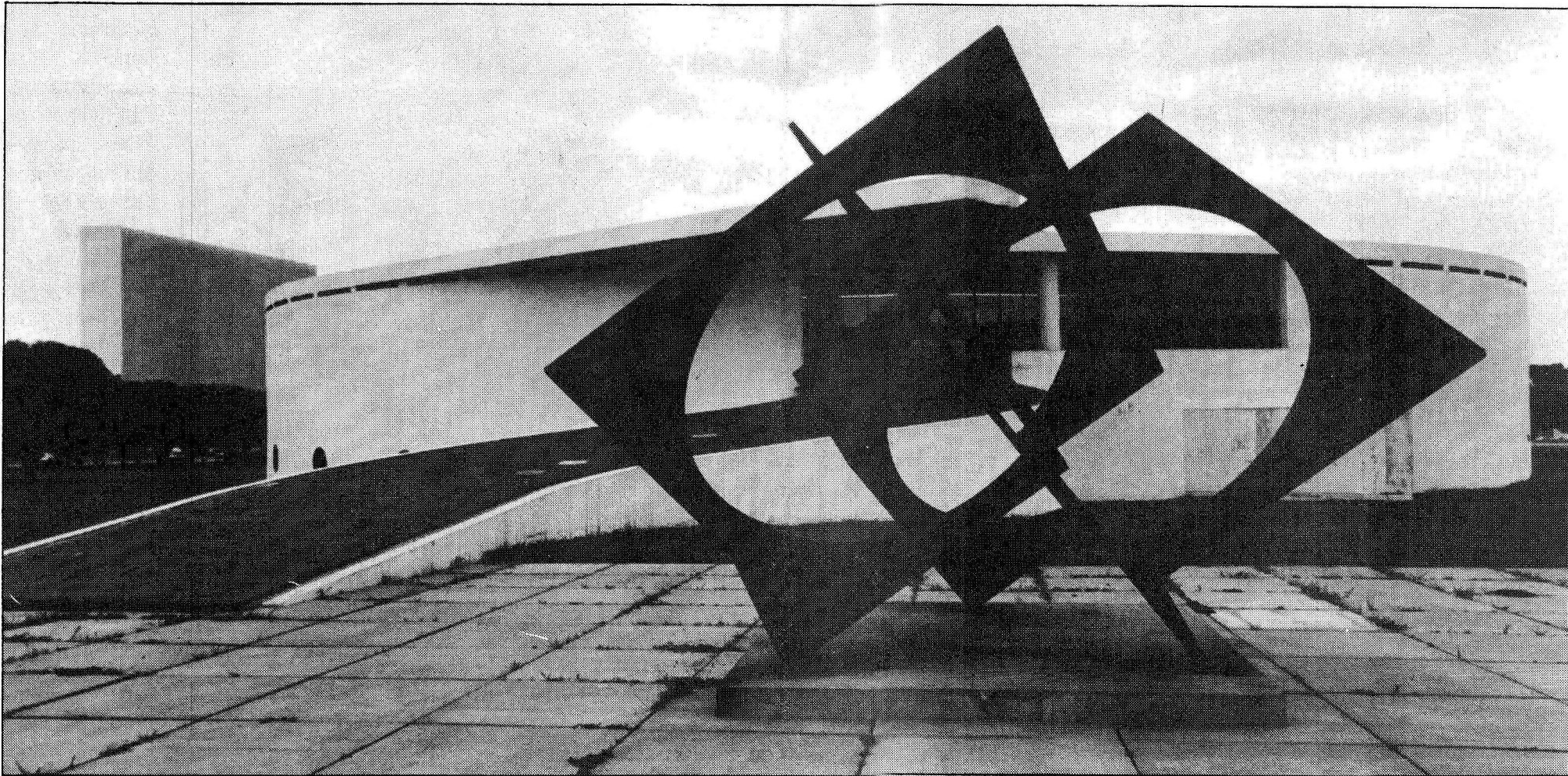


JOAQUIM FIRMINO



# Um museu de interrogações

*Nada deu certo para o prédio projetado por Niemeyer desde que os índios rogaram praga e que está fechado até hoje*

Um casal de turistas alemães, em passeio por Brasília, deparou-se com uma das mais belas construções da capital da República. Foi imediato o interesse em conhecê-la, mas isto não foi possível. O lugar estava fechado, sujo e ninguém estava lá para receber turistas. Este cartão postal, que tanto interesse despertou no casal alemão, é o Museu de Arte Contemporânea de Brasília, erguido em 1988 para ser o Museu do Índio e finalmente destinado a museu de arte. Projetado por ninguém menos que Oscar Niemeyer — que aprovou a idéia de torná-lo mais um espaço das artes — este prédio encontra-se à espera de reformas, que lhe façam jus ao estatuto de Museu de Arte Contemporânea, e de respostas sobre seu futuro. Hoje, por enquanto, a bela construção circular diante do Memorial JK é apenas um museu de interrogações.

A Secretaria de Cultura da Presidência da República assegura que o museu não se encontra abandonado. Segundo sua assessoria de comunicação, o museu — que já foi inaugurado uma vez, na véspera da posse do presidente Collor — deverá ser reinaugurado dentro de aproximadamente quatro me-

## Pajelança bem-sucedida

O destino do Museu de Arte Contemporânea de Brasília está marcado por forças ocultas. Pelo menos é o que pretendiam os índios que lá se reuniram em meados de 1989 numa pajelança de fazer inveja a produções da TV Manchete. Revoltados com o fato de o museu, antes projetado para ser Museu do Índio, tornar-se, da noite para o dia, um Museu de Arte Contemporânea dos

brancos, os índios organizaram um movimento que culminou numa maldição. Enquanto não fosse “devolvido” aos indígenas, o museu não teria qualquer sucesso.

Superstições à parte, o fato é que o estado de estagnação que se abateu sobre o lugar merece atenção especial. Há mais de três anos o museu existe fisicamente, mas apenas uma exposição foi realizada lá, em 14 de março de 1990. Depois, com a mudança de Governo, e respectivas modificações na pasta da Cultura — primeiro aportou Ipojuca Pontes, depois substituído por Sérgio Paulo Rouanet — além de sucessivos planos econômicos, voltados principalmente para o corte de

gastos públicos (entre eles os da área cultural), a perspectiva de se colocar o Museu de Arte Contemporânea em funcionamento se esvaiu como a fumaça dos cachimbos aborígenes.

Hoje, Brasília aguarda um “novo” museu. Espera ainda cumprir seu papel de pólo irradiador de cultura munida de preciosos acervos, como o do escritor brasileiro Murilo Mendes, que, segundo noticiou o **CORREIO BRAZILIENSE** em novembro de 1988, poderia vir a se alojar por aqui, uma promessa de José Aparecido. Mas, entra ministro sai ministro, o museu está mais para interrogações do que exclamações de encanto e admiração.

ses. “Tão logo as obras de recuperação tenham sido concluídas”, completa a assessora Olga Bardawil. Embora tenha sido levantado pelo Governo do Distrito Federal (GDF), na época em que José Aparecido de Oliveira era governador, o museu foi cedido em 1989 para o Governo Federal por um prazo estimado em cinco anos. Nesta época, Aparecido já ocupava a pasta do extinto Ministério da Educação e Cultura (MinC).

**Patrimônio** — A Secretaria de Cultura da Presidência não dispõe de muitos dados sobre as obras de reformulação do museu — também estas projetadas por Niemeyer — e aponta o “caminho

das pedras”: a Fundação Oscar Niemeyer. O presidente da Fundação, criada em 1990 para manter viva a memória do arquiteto que projetou Brasília, e também o fundador do Museu de Arte Contemporânea, o ex-ministro José Aparecido.

Aparecido possui informações semelhantes à da Secretaria de Cultura, embora não saiba precisar a data em que o museu será reinaugurado. O ex-ministro e ex-governador não tem mais ligação direta com a obra, que hoje está mesmo sob os auspícios do Governo Federal. “Não tenho mais nada a ver com isso, embora eu tenha grande interesse em ver esse museu funcionando. Uma capital como

Brasília não pode deixar de ter um Museu de Arte Contemporânea”, salienta José Aparecido, que, aliás, foi o maior interventor junto à Unesco para transformar Brasília em Patrimônio Cultural da Humanidade.

As expectativas do presidente da Fundação Oscar Niemeyer são otimistas. Ele garante ter o estímulo da Presidência da República através da figura do embaixador Marcos Coimbra, particularmente interessado na recuperação do museu. Cita, ainda, o arquiteto Fernando Andrade como um dos responsáveis pelas reformas do local. Procurado pela reportagem, durante três dias consecutivos, o ar-

quiteto adiou sempre qualquer entrevista, sob a alegação de que teria de consultar superiores hierárquicos no que dissesse respeito às obras do museu. O doutor Murilo Motta, membro da comissão que estaria encarregada de tocar o projeto de recuperação do Museu de Arte Contemporânea, é um deles.

Motta também preferiu não dar depoimentos sem antes consultar o presidente da comissão, o embaixador Otto Maia. Após vários telefonemas, tanto Motta como o embaixador não conseguiram agendar uma entrevista para esclarecer quaisquer dúvidas sobre o futuro do museu. Construído pela Novacap, o lugar, depois de vários meses fora de funcionamento, requer, de fato, cuidadoso trabalho de recuperação. Segundo o próprio José Aparecido, isto será possivelmente patrocinado pela Fundação Banco do Brasil, a qual, aliás, financiou seu projeto original.

Enquanto espera a ação de operários que o reanimem, o Museu de Arte Contemporânea recebe visitas, não de turistas como os alemães que gostariam de tê-lo conhecido, mas de mendigos, meninos de rua e descamisados que deixam lá marcas bem menos gratas que suas assinaturas. O lugar está sujo e cheira mal, graças a quem o tem utilizado como banheiro público. Um destino, pelo menos provisoriamente, ingrato para uma obra que já foi cogitada, também, para abrigar a Câmara Legislativa do DF.

■ Luciano Milhomem